

RELATORIA SESSÃO 2: Acesso na base da pirâmide. Fechando a divisão digital em setores com menos recursos. A divisão digital de gênero.

Narrativa da sessão

Está provado que a inclusão digital - entendida como a expansão da conectividade e a adoção de tecnologias da informação e as comunicações - proporciona enormes benefícios sociais e econômicos, incluindo os possíveis efeitos da redução da pobreza, melhorias na infraestrutura e os serviços, e um aumento ainda maior no acesso e uso da Internet. No entanto, enquanto subsistirem as barreiras para a inclusão digital, as comunidades que não estiverem conectadas ou que estiverem desatendidas correm o risco de ficar ainda mais para trás, fazendo com que a divisão digital se agrave, em vez de diminuir.

Curiosamente, a lacuna de cobertura na América Latina é relativamente baixa, com apenas 10% da população (aproximadamente 64 milhões de pessoas) sem cobertura de rede 3G ou 4G. No entanto, 55% (360 milhões de latino-americanos) têm cobertura, mas não usam banda larga móvel, o que indica uma lacuna significativa na demanda, apesar da disponibilidade de redes. Uma das limitações fundamentais que retardam o uso da Internet é a lacuna socioeconômica, principalmente na chamada base da pirâmide. É aqui onde devemos identificar quais são as barreiras e desafios para a inclusão digital desses setores e quais são as políticas públicas prioritárias que nos permitam fechar a divisão digital.

Paralelamente, o reconhecimento do gênero como uma divisão digital começa pela compreensão de dois aspectos fundamentais: há uma primeira divisão digital que refere ao acesso a computadores e a conexão à Internet, de acordo com as características sociodemográficas das pessoas, e o que hoje é chamado de “segunda divisão” que diz respeito a usos, tanto com a intensidade quanto com a variedade de usos, e é determinada pelas capacidades e habilidades geradas pelos indivíduos para usar os dispositivos e recursos do novo paradigma tecnológico. O que é relevante sobre a análise da segunda divisão digital é que a barreira mais difícil para as mulheres superar é aquela que está associada ao uso e ao desenvolvimento de competências e habilidades TIC.

Perguntas Orientadoras

Quais são as principais barreiras à inclusão digital do lado da procura? E da oferta?

Como podem colaborar as diferentes partes interessadas para tornar a Internet acessível, útil e compreensível para todos?

Como as diferenças entre os diferentes países da região podem ser abordadas? Como uma estratégia digital latino-americana efetiva pode contribuir para esses fins com objetivos

concretos e mensuráveis?

Como a divisão digital deve ser medida? Quais indicadores precisa a região?

Como a desconfiança ou as questões de privacidade afetam na adoção das tecnologias de informação e as comunicações?

Que experiências ou boas práticas você pode destacar como exemplos positivos para a região?

Como as mulheres podem ser integradas na indústria TI? Como incentivar sua participação nos desenvolvimentos tecnológicos? Quais podemos dizer são as causas e consequências da baixa participação das mulheres no setor TIC?

Os especialistas apontam que a barreira para o acesso das mulheres está superada e que hoje devemos falar da "segunda divisão", que refere ao desenvolvimento de competências e habilidades para o uso e a real apropriação das TIC. O que vocês acham disso?

Estudos mostram que a maioria das mulheres que não conseguiram superar a lacuna de acesso é representada pelas mulheres indígenas, do setor rural, idosas e de estratos socioeconômicos baixos, como enfrentar essa realidade e quais ações podem ser tomadas para superar essa lacuna no menor tempo possível?

Que abordagens e exemplos de boas práticas poderiam ser usadas para aumentar o acesso à Internet e à alfabetização digital das mulheres e meninas em nossa região?

Estrutura

Tempo: 90 min

Apresentação inicial moderador: 5 min

Perguntas moderador (25 - 30 min)

Debate (55 -60 min)

O painel começará com uma breve introdução do moderador (5 min) sobre o assunto a ser discutido e, em seguida, apresentará os especialistas que participarão na oficina.

Posteriormente, o moderador fará a cada um dos painelistas uma pergunta breve individualizada e cada painalista terá 5 minutos para responder cada uma delas e dar seu ponto de vista. Previamente, o moderador teria se comunicado com cada um dos painelistas para concretizar as perguntas de sua intervenção.

Finalmente, o debate entre os painelistas e o público é encorajado.

Moderadora: Mercedes Aramendia.

Painelistas:

Carolina Rossini, Global Connectivity Policy Manager Facebook

Yacine Kheladi, LAC Coordinator, A4AI

Tanara Lauschner. CGI Brasil

Paloma Szerman, GSMA

Laura Kaplan LACNIC

Desenvolvimento da Sessão:

Yacine Kheladi:

- Aponta a necessidade de gerar políticas públicas para o desenvolvimento da infraestrutura, acesso a conteúdos, fechamento da divisão. Gerar políticas fortes que abranjam todos os handicaps.
- Intervenção baseada em dados e evidências, incluindo todos os setores.
- Na América Latina, o modelo de múltiplas partes interessadas foi muito positivo. Alinhar as políticas TIC com as necessidades.
 - A A4AI tem um modelo para abranger todos, para que as políticas públicas possam surgir de ai. Criar políticas de estímulo da banda larga aceitas por todos. O processo é fundamental.
- O custo de acesso é muito alto em quintis baixos, e se à pobreza somamos ser mulher, o preço sobe. Altos custos do espectro aumentam a divisão digital.
- A baixa participação das mulheres nos processos de definição de agendas digitais é impactante.

Carolina Rossini:

- Fizeram uma relatoria com *The economist*, analisando 80 países e seu Índice de Inclusão Digital, analisando as barreiras e por que as pessoas não se conectam. Falta de consciência da utilidade do uso da Internet e do preço como principais problemas, juntamente com a falta de conteúdo local.
- O Facebook para contribuir com o sistema de conectividade pesquisa novos modelos de conectividade (satélite, drones). Melhoria dos modelos de negócio, através de um programa que reúne mais de 500 empresas para tornar a cadeia de valor mais eficiente. Para melhorar a conexão rural, há que mudar as políticas e também chegar a acordos para poder chegar a essas áreas.
- Existem muitos indicadores para medir a lacuna. *The economist* atingiu níveis muito avançados e detalhados das barreiras. É feita uma entrevista muito detalhada ao usuário para conhecer seus problemas e necessidades.
 - Soluções: Políticas públicas para reduzir a lacuna de gênero. (Muito útil a existência de um Ministério para a Mulher). Papel da sociedade para envolver as mulheres (evidências claras de sucesso no desenvolvimento de startups)

- O mais importante é criar empatia em crianças pequenas. A empatia como fundamental para diminuir as atitudes machistas em geral e, particularmente, no contexto digital.

Paloma Szerman

- 57% da população que possui cobertura móvel, não a usam (363 milhões de pessoas), principalmente devido a:
 - Falta de conteúdo local relevante.
 - 7 de cada 10 nunca usaram banca móvel... fizeram pagamentos ...
 - Falta de segurança e confiança.
 - Falta de segurança na experiência on-line. Medo da fraude ou medo pessoal (principalmente mulheres). Medo de roubo de terminais.
 - Falta de atitudes digitais.
- Lacuna de gênero no acesso e uso: o grupo do G20 define a lacuna de gênero em seu *policy brief*. Muitas mulheres que enfrentam muitas barreiras e poucas mulheres projetam políticas de uso.
 - GSMA: As mulheres têm 10% menos chance de ter um celular. Na LATAM é de 2%, acentuando-se nas áreas rurais, onde atinge 15%. Em alguns países aumenta mais. Na Guatemala e o Brasil 8%. Mesmo tendo celular, usam 16% a menos.
 - 6 barreiras para o acesso das mulheres. Custo (menor independência financeira). Falta de conteúdo relevante (recursos escassos e de tempo, pouca percepção de utilidade). Falta de aptidões (apenas 30% das mulheres estudaram habilidades digitais). Normas culturais e estereótipos. Segurança e confiança.

Laura Kaplan

- A colaboração é um eixo central.
 - Necessidade de promover novos modelos de conectividade como redes comunitárias em áreas onde não há alternativas. É um papel que a comunidade técnica está levando muito a sério.
 - Além disso, juntamente com a academia, promover a capacitação em uso e na promoção de implementação de redes.
- As mulheres são excluídas no desenho da rede. Perde-se uma contribuição criativa e riqueza. Isso se traduz em uma perda de confiança do usuário feminino pelo modo como as coisas são desenvolvidas Perdem-se novas ideias e pontos de vista diferentes.
- Iniciativas de LACNIC com duas abordagens diferentes.
 - Haiti Goes Global - Projeto piloto em fortalecimento de capacidades: trabalhando com parceiros no Haiti para formar mulheres com recursos médios e baixos para dar-lhes a oportunidade de se capacitar e fazer

trabalhos pela Internet, conseguir empregos à distância e impulsionar as empresas que fazem *outsourcing* a procurarem diretamente esse grupo, juntando oferta e demanda. É especificamente ligado a um ofício.

- Projeto para identificar mulheres formadas em STEM, para que assumam posições de liderança dentro da comunidade técnica. O projeto busca identificar as barreiras específicas deste grupo para derrubá-las e incorporar esse grupo de mulheres a esse grupo de trabalho.

Tanara Lauschner:

- Os profissionais de engenharia geralmente estão ligados ao mundo masculino. A taxa de abandono feminino também é muito alta.
 - Desenvolvimento de políticas de empresa para a contratação, formação.
 - Eliminação de preconceitos.
- Desde Mulheres Digitais no Brasil, trabalhamos no ensino médio para que as meninas se interessem pela área da computação em todos os estados do Brasil. Tentam conscientizar a sociedade sobre a importância do envolvimento de ambos os sexos por igual.
 - A conscientização tem que ser para toda a sociedade, tanto meninos quanto meninas, mas nós convidamos as meninas, porque elas são as que proporcionalmente mais necessitam integrar-se.
 - Também os professores estão interessados em estimular alunos e alunas.
- São muitos os estudos que mostram que equipes mistas, formadas por homens e mulheres, oferecem melhores soluções para todos, tanto homens quanto mulheres.

Perguntas do público:

Ensel Sanchez, Venezuela, Youth Observatory

As lacunas digitais de outras representações, como as comunidades indígenas, são deixadas de lado. Na LAC há mais de 500 grupos.

Resposta de Yacine Kheladi: Existem lacunas em várias minorias. O importante é incluir essas comunidades no diálogo. Por exemplo, as operadoras identificam que não podem ser colocadas antenas em seus territórios, existem problemas de diálogo.

Resposta de Carolina Rossini: Não existem de comunidades indígenas específicas, mas sim de áreas rurais, onde a maioria desses grupos vive, e entender o custo da infraestrutura nessas áreas e, principalmente, entendendo que a conectividade é móvel aí.

Resposta de Tanara Lauschner: Temos dois projetos na Amazônia, que mesmo não sendo específicos de comunidades indígenas, chegam até eles.

Ariel Barbosa, APC.

Problema sobre a violência on-line, principalmente ativistas ambientais ou jornalistas, o que aumenta a divisão digital para mulheres.

Resposta de Carolina Rossini: Existem muitos grupos da sociedade civil trabalhando nisso. No Facebook está sendo desenvolvido um programa piloto na Índia para isso, sobre práticas seguras na Internet e no Facebook em geral.

Resposta de Paloma Szerman: Organizações da sociedade civil sobre como tomar precauções e como lidar com esse problema para que haja uma experiência on-line mais segura.

Resposta de Yacine Kheladi: Onde há um marco regulatório para a violência de gênero, é crucial incorporar a violência de gênero on-line ou as TIC. O que acontece no mundo on-line e off-line deve ser vinculado porque não estão separados.

Ray Gallio de IT

Quais são os números e as especificações do projeto do Haiti?

Resposta de Laura Kaplan: O piloto tem três componentes: desenvolvimento de capacidades, fortalecimento da infraestrutura e empregabilidade das mulheres. Na parte da empregabilidade, trabalha-se com vários atores, inclusive com aqueles que trabalham através de plataforma. Tendo superado a etapa de pesquisa -entendendo a procura e a oferta-. A partir de setembro começa a parte de advocacy, em que teremos mais detalhes e contar o escopo do trabalho.

Daniela Masías, Governo do Equador

Violência digital por grupos digitais. Vocês conhecem alguma iniciativa internacional em relação a isso?

Resposta de Carolina Rossini: As barreiras são locais e por isso os projetos são muito difíceis de escalar a nível internacional. O programa do Facebook contra a violência on-line na Índia é diferente em outras regiões. Mas a conscientização deve ser de alcance internacional.

María Julia Morales, OBSERVATIC

Atitude e aptidão digital em relação à relevância do conteúdo local. O correlato desses assuntos seria transparência e ética para essas questões. Tem ações nesse sentido?

Resposta de Laura Kaplan: Desde LACNIC existe uma marca forte de fortalecimento das capacidades digitais, mas estamos atualmente em um período de pesquisa para entender de uma maneira específica quais capacidades precisam ser fortalecidas, podendo adaptá-las bem ao destinatário.